

ROMAN JAKOBSON

LINGÜÍSTICA
E
COMUNICAÇÃO

Prefácio de
IZIDORO BLIKSTEIN
(da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e da Escola de
Comunicações e Artes da USP)

Tradução de
IZIDORO BLIKSTEIN e JOSÉ PAULO PAES



EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

passo que fica quase sempre despercebida a íntima vinculação do Realismo com a metonímia. Não somente o instrumento, mas o próprio objeto da análise explicam a preponderância da metáfora sobre a metonímia nas pesquisas eruditas. De vez que a poesia visa ao signo, ao passo que a prosa pragmática visa ao referente, estudaram-se os tropos e as figuras essencialmente como procedimentos poéticos. O princípio de similaridade domina a poesia; o paralelismo métrico dos versos ou a equivalência fônica das rimas impõem o problema da similitude e do contraste semânticos; existem, por exemplo, rimas gramaticais e antigramaticais, mas nunca rimas agramaticais. Pelo contrário, a prosa gira essencialmente em torno de relações de contigüidade. Portanto, a metáfora, para a poesia, e a metonímia, para a prosa, constituem a linha de menor resistência, o que explica que as pesquisas acerca dos tropos poéticos se orientem principalmente para a metáfora. A estrutura bipolar efetiva foi substituída artificialmente, nessas pesquisas, por um esquema unipolar amputado que, de maneira bem evidente, coincide com uma das formas de afasia, mais precisamente, o distúrbio da contigüidade.

ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA TRADUÇÃO¹

Segundo Bertrand Russell, “ninguém poderá compreender a palavra “queijo” se não tiver um conhecimento não-lingüístico do queijo.”² Se, entretanto, seguirmos o preceito fundamental do próprio Russell e dermos “relevo aos aspectos lingüísticos dos problemas filosóficos tradicionais”, seremos então obrigados a dizer que ninguém poderá compreender a palavra *queijo* se não conhecer o significado atribuído a esta palavra no código lexical do português. Qualquer representante de uma cultura culinária que desconheça o queijo compreenderá a palavra portuguesa *queijo* se souber que, nesta língua, ela significa “alimento obtido pela coagulação do leite” e se tiver, ao menos, um conhecimento lingüístico de *leite coalhado*. Nunca provamos ambrosia ou néctar e temos apenas um conhecimento lingüístico das palavras *ambrosia*, *néctar*, e *deuses* — nome dos seres míticos que os usavam; entretanto, compreendemos essas palavras e sabemos em que contextos cada uma delas pode ser empregada.

O significado das palavras *queijo*, *maçã*, *néctar*, *conhecimento*, *mas*, *mero*, ou de qualquer outra palavra ou frase, é decididamente um fato lingüístico — ou para sermos mais precisos e menos restritos — um fato semiótico. Contra os que atribuem o significado (*signatum*) não ao signo, mas

(1) Publicado em inglês em: R. A. Brower, org.: *On Translation*, Harvard University Press, 1959.

(2) Bertrand Russel, “Logical Positivism”, *Revue Internationale de Philosophie*, IV (1950), 18; cf. p. 3

à própria coisa, o melhor argumento e o mais veraz seria dizer que ninguém jamais sentiu o gosto ou cheiro do significado de *queijo* ou de *maçã*. Não há *signatum* sem *signum*. O significado da palavra “queijo” não pode ser inferido de um conhecimento não-lingüístico do *roquefort* ou do *camembert* sem a assistência do código verbal. Será necessário recorrer a toda uma série de signos lingüísticos se se quiser fazer compreender uma palavra nova. Apontar simplesmente o objeto não nos fará entender se *queijo* é o nome do espécime dado, ou de qualquer caixa de *camembert*, ou do *camembert* em geral, ou de qualquer queijo, de qualquer produto lácteo, alimento ou refresco, ou talvez de qualquer embalagem, independentemente de seu conteúdo. Finalmente, será que a palavra designa simplesmente a coisa em questão, ou implica significados como oferta, venda, proibição ou maldição? (Apontar com o dedo pode significar maldição: em certas culturas, particularmente na África, é um gesto agourento).

Para o lingüista como para o usuário comum das palavras, o significado de um signo lingüístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo “no qual ele se ache envolvido de modo mais completo”, como insistentemente afirmou Peirce, o mais profundo investigador da essência dos signos.³ O termo “solteiro” pode ser convertido numa designação mais explícita, “homem não-casado”, sempre que maior clareza for requerida. Distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais. Essas três espécies de tradução devem ser diferentemente classificadas:

1) A tradução intralingual ou *reformulação* (*rewording*) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.

(3) Cf. John Dewey, “Peirce’s Theory of Linguistic Signs, Thought, and Meaning”, *The Journal of Philosophy*, XLIII (1946), 91.

2) A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.

3) A tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

A tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa: por exemplo, “todo celibatário é solteiro, mas nem todo solteiro é celibatário”. Uma palavra ou um grupo idiomático de palavras, em suma, uma unidade de código do mais alto nível, só pode ser plenamente interpretada por meio de uma combinação equivalente de unidades de código, isto é, por meio de uma mensagem referente a essa unidade de código: “todo solteiro é um homem não-casado e todo homem não-casado é solteiro”, ou “todo celibatário está decidido a não casar-se e todo aquele que esteja decidido a não casar-se é um celibatário”.

Da mesma forma, no nível da tradução interlingual, não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras. A palavra portuguesa *queijo* não pode ser inteiramente identificada a seu heterônimo em russo corrente, *syr*, porque o requeijão é um queijo, mas não um *syr*. Os russos dizem *prinesi syru i tvorogu*, “traga queijo e (sic) requeijão”. Em russo corrente, o alimento feito de coágulo espremido só se chama *syr* se for usado fermento.

Mais freqüentemente, entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes.

A equivalência na diferença é o problema principal da linguagem e a principal preocupação da Lingüística. Como

todo receptor de mensagens verbais, o lingüista se comporta como intérprete dessas mensagens. Nenhum espécime lingüístico pode ser interpretado pela ciência da linguagem sem uma tradução dos seus signos em outros signos pertencentes ao mesmo ou a outro sistema. Em qualquer comparação de línguas, surge a questão da possibilidade de tradução de uma para outra e vice-versa; a prática generalizada da comunicação interlingual, em particular as atividades de tradução, devem ser objeto de atenção constante da ciência lingüística. Nunca se poderá sobrestimar a necessidade urgente, a importância teórica e prática de dicionários bilingües diferenciais, que definam cuidadosa e comparativamente tôdas as unidades correspondentes, em sua extensão e profundidade. Da mesma forma, gramáticas bilingües diferenciais deveriam definir aquilo que aproxima e aquilo que diferencia as duas línguas do ponto de vista da seleção e da delimitação dos conceitos gramaticais.

A prática e a teoria da tradução abundam em problemas complexos, de quando em quando, fazem-se tentativas de cortar o nó górdio, proclamando o dogma da impossibilidade da tradução. "O Sr. Todo-Mundo, esse lógico natural", tão vivamente imaginado por B. L. Whorf, teria supostamente de raciocinar da seguinte maneira: "Os fatos são diferentes para pessoas cuja formação lingüística lhes fornece uma formulação diferente para expressar tais fatos"⁴. Nos primeiros anos da revolução russa, existiam visionários fanáticos que advogaram, nos periódicos soviéticos, uma revisão radical da linguagem tradicional, e em particular a supressão de expressões enganosas como o "nascer" ou "pôr" do-Sol. Entretanto, continuamos a empregar essa imaginária ptolemaica, sem que isso implique a rejeição da doutrina copernicana; e é fácil, para nós, passar de nossas conversações costumeiras sobre o Sol nascente ou poente à representação da rotação da Terra, pura e simplesmente porque qualquer signo poder ser traduzido num outro signo

(4) Benjamin Lee Whorf, *Language, Thought, and Reality* (Cambridge, Mass., 1956), p. 235.

em que ele se nos apresenta mais plenamente desenvolvido e mais exato.

A faculdade de falar determinada língua implica a faculdade de falar acerca dessa língua. Tal gênero de operação "metalingüística" permite revisar e redefinir o vocabulário empregado. Foi Niels Bohr quem evidenciou a complementaridade dos dois níveis — linguagem-objeto e metalinguagem: todo dado experimental bem definido deve ser expresso na linguagem comum, "onde existe uma relação complementar entre o uso prático de cada palavra e as tentativas de dar-lhe definição precisa."⁵

Toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios. É desta forma que, na recente língua literária dos Chunkchees do nordeste da Sibéria, "parafuso" é expresso por "prego giratório", "aço" por "ferro duro", "estanho" por "ferro delgado", "giz" por "sábão de escrever", "relógio" (de bolso) por "coração martelador". Mesmo circunlocuções aparentemente contraditórias, como *èlektričeskaja konka* ("veículo a cavalo elétrico"), o primeiro nome russo do bonde sem cavalos, ou *jenaparaqot* ("vapor voador"), o nome *koryak* do aeroplano, designam simplesmente o análogo elétrico do bonde a cavalos e o análogo voador do barco a vapor, e não estorvam a comunicação, do mesmo modo que não há perturbação ou "ruído" semântico no duplo oximoro: *cold beef-and-pork hot dog* ("cachorro-quente frio de carne de vaca e de porco").

A ausência de certos processos gramaticais na linguagem para a qual se traduz nunca impossibilita uma tradução literal da totalidade da informação conceitual contida no original. Às conjunções tradicionais *and* (e) e *or* (ou) veio juntar-se em inglês um novo conectivo, *and/or* (e/ou), que foi discutido há alguns anos no espirituoso livro *Federal*

(5) Niels Bohr, "On the Notions of Causality and Complementarity", *Dialectica*, I (1948), p. 317 ss.

Prose, How to Write in and/or for Washington ("A Prosa Federal — Como escrever em e/ou Para Washington").⁶ Dessas três conjunções, somente a última existe numa das línguas samoiédicas⁷. Apesar dessas diferenças no inventário das conjunções, os três tipos de mensagens observados na "prosa federal" podem traduzir-se distintamente tanto em inglês (ou em português) tradicional quanto na língua samoiédica em questão. Suponhamos, em "prosa federal": 1) João e Pedro virão; 2) João ou Pedro virá; 3) João e/ou Pedro virão. Em português tradicional, isso dá: 3) João e Pedro virão, ou então só um deles. E em samoiedo: 1) João e Pedro virão ambos; 2) João e/ou Pedro, um dos dois virá. Se alguma categoria gramatical não existe numa língua dada, seu sentido pode ser traduzido nessa língua com a ajuda de meios lexicais. Formas duais como o russo antigo *brata* serão traduzidas com a ajuda do adjetivo numeral: "dois irmãos". É mais difícil permanecer fiel ao original quando se trata de traduzir, para uma língua provida de determinada categoria gramatical, de uma língua carente de tal categoria. Quando traduzimos a sentença em português "ela tem irmãos" para uma língua que distinga o dual e o plural, somos obrigados, ou a escolher entre duas orações: "ela tem dois irmãos" — "ela tem mais de dois irmãos", ou a deixar a decisão ao ouvinte, e dizer: "ela tem dois ou mais de dois irmãos". Da mesma forma, se traduzimos, de uma língua que ignora o número gramatical, para o português, somos obrigados a escolher uma das duas possibilidades — *irmão* ou *irmãos* — ou a colocar o receptor da mensagem diante de uma escolha binária: "ela tem um ou mais de um irmão".

Como Boas observou finamente, o sistema gramatical de uma língua (em oposição a seu estoque lexical) determina os aspectos de cada experiência que devem obrigatoriamente ser expressos na língua em questão: "É preciso

(6) James R. Masterson and Wendell Brooks Phillips, *Federal Prose* (Chapel Hill, N.C., 1948) p. 40 ss.

(7) Cf. Knut Bergsland, "Finsk-ugrisk og almen sprogvidenskab", *Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskab*, XV (1949), p. 374 ss.

escolhermos entre esses aspectos, e um ou outro tem de ser escolhido"⁸. Para traduzir corretamente a sentença inglesa *I hired a worker* ("Contratei (-ava) um operário / uma operária"), um russo tem necessidade de informações suplementares — a ação foi completada ou não? o operário era um homem ou uma mulher? — porque ele deve escolher entre um verbo de aspecto completivo ou não completivo — *nanjal* ou *nanimal* — e entre um substantivo masculino ou feminino *rabotnika* ou *rabotnicu*. Se eu perguntar ao enunciador da sentença em inglês se o operário é homem ou mulher, ele poderá julgar minha pergunta não-pertinente ou indiscreta, ao passo que, na versão russa dessa mesma frase, a resposta a tal pergunta é obrigatória. Por outro lado, sejam quais forem as formas gramaticais russas escolhidas para traduzir a mensagem inglesa em questão, a tradução não dará resposta à pergunta de se *I hired* ou *I have hired a worker*, ou se o operário (ou operária) era um operário determinado ou indeterminado ("o" ou "um", *the* ou *a*). Porque a informação requerida pelos sistemas gramaticais do russo e do inglês é dessemelhante, achamo-nos confrontados com conjuntos completamente diferentes de escolhas binárias; é por isso que uma série de traduções sucessivas de uma mesma frase isolada, do inglês para o russo e vice-versa, poderia acabar privando completamente tal mensagem de seu conteúdo inicial. O lingüista genebrino S. Karcevski costumava comparar uma perda gradual desse gênero a uma série circular de operações de câmbio desfavoráveis. Mas, evidentemente, quanto mais rico for o contexto de uma mensagem, mais limitada será a perda de formação.

As línguas diferem essencialmente naquilo que *devem* expressar, e não naquilo que *podem* expressar. Numa língua dada, cada verbo implica necessariamente um conjunto de escolhas binárias específicas, como por exemplo: o evento enunciado é concebido com ou sem referência à sua conclusão?; o evento enunciado é apresentado ou não como

(8) Franz Boas, "Language", *General Anthropology*, Boston, 1938, pp. 132 ss.

anterior ao processo da enunciação? Naturalmente, a atenção dos enunciadores e ouvintes estará constantemente concentrada nas rubricas que sejam obrigatórias em seu código verbal.

Em sua função cognitiva, a linguagem depende muito pouco do sistema gramatical, porque a definição de nossa experiência está numa relação complementar com as operações metalingüísticas — o nível cognitivo da linguagem não só admite mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução. A hipótese de dados cognitivos inefáveis ou intraduzíveis seria uma contradição nos termos. Mas nos gracejos, nos sonhos, na magia, enfim, naquilo que se pode chamar de mitologia verbal de todos os dias, e sobretudo na poesia, as categorias gramaticais têm um teor semântico elevado. Nessas condições, a questão da tradução se complica e se presta muito mais a discussões.

Mesmo uma categoria como a de gênero gramatical, que tão amiúde foi tida como puramente formal, desempenha papel importante nas atitudes mitológicas de uma comunidade lingüística. Em russo, o feminino não pode designar uma pessoa do sexo masculino, e o masculino não pode caracterizar uma pessoa como pertencente especificamente ao sexo feminino. As maneiras de personificar ou de interpretar metafóricamente os substantivos inanimados são influenciadas pelo gênero destes. No Instituto Psicológico de Moscou, em 1915, um teste mostrou que russos propensos a personificar os dias da semana representavam sistematicamente a segunda, a terça e a quarta-feira como seres masculinos, e a quinta, a sexta-feira e o sábado como seres femininos, sem perceber que essa distribuição era devida ao gênero masculino dos três primeiros substantivos (*ponedel'nik, vtornik, četverg*) que se opõe ao gênero feminino dos outros três (*sreda, pjatnica, subbota*). O fato de a palavra que designa sexta-feira ser masculina em certas línguas eslavas e feminina em outras reflete-se nas tradições populares dos respectivos povos, que diferem em seu ritual da sexta-feira. A superstição generalizada na Rússia, de que uma faca caída pressagia um convidado e um garfo caído

uma convidada, é determinada pelo gênero masculino de *noz* ("faca") e pelo gênero feminino de *vilka* ("garfo") em russo. Nas línguas eslavas, e em outras línguas em que "dia" é masculino e "noite" é feminino, o dia é representado pelos poetas como o amante da noite. O pintor russo Repin se desconcertava de ver o pecado representado como uma mulher pelos artistas alemães: ele não se dava conta de que "pecado" é feminino em alemão (*die Sünde*), mas masculino em russo (*grex*). Da mesma forma, uma criança russa, ao ler uma tradução de contos alemães, ficou estupefata ao descobrir que a Morte, seguramente uma mulher (em russo *smert'*, feminino), era representada por um velho (em alemão *der Tod*, masculino). *Minha Irmã a Vida*, título de uma coletânea de poemas de Boris Pasternak, é naturalíssimo em russo, onde "vida" é feminino (*žizn'*), mas foi o bastante para fazer desesperar o poeta checo Josef Hora, que tentou traduzir tais poemas, pois em checo esse substantivo é masculino (*život*). Qual foi o primeiro problema que surgiu logo nos primórdios das literaturas eslavas? De maneira assaz curiosa, a dificuldade do tradutor em preservar o simbolismo dos gêneros, e a falta de pertinência dessa dificuldade, do ponto de vista cognitivo, parecem ser o tema principal da mais antiga obra original eslava, o prefácio à primeira tradução do *Evangelium*, feita pouco depois de 860 pelo fundador das letras e da liturgia eslavas, Constantino o Filósofo, e recentemente reconstituída e interpretada por A. Vaillant.⁹ "O grego, traduzido para outra língua, nem sempre pode ser reproduzido de maneira idêntica, e é o que acontece com toda língua ao ser traduzida", diz o apóstolo eslavo. "Substantivos como *potamos*, "rio", e *aster*, "estrela", masculinos em grego, são femininos em outra língua, como *reka* e *zvezda* em eslavo." Conforme o comentário de Vaillant, essa divergência anula a identificação simbólica dos rios com os demônios e das estrelas com os anjos na tradução eslava de dois versículos de Mateus (7:25 e 2:9). Mas a esse obstáculo poético São

(9) André Vaillant, "Le Preface de l'Evangeliaire vieux-slave", *Revue des Études Slaves*, XXIV (1948), p. 5 ss.

Constantino opõe resolutamente o preceito de Dionísio o Areopagita, segundo o qual deve-se estar atento, sobretudo aos valores cognitivos (*silē razumu*), e não às palavras propriamente ditas.

Em poesia, as equações verbais são elevadas à categoria de princípio construtivo do texto. As categorias sintáticas e morfológicas, as raízes, os afixos, os fonemas e seus componentes (traços distintivos) — em suma, todos os constituintes do código verbal — são confrontados, justapostos, colocados em relação de contigüidade de acordo com o princípio de similaridade e de contraste, e transmitem assim uma significação própria. A semelhança fonológica é sentida como um parentesco semântico. O trocadilho, ou, para empregar um termo mais erudito e talvez mais preciso, a paronomásia, reina na arte poética; quer esta dominação seja absoluta ou limitada, a poesia, por definição, é intraduzível. Só é possível a transposição criativa: transposição intralingual — de uma forma poética a outra —, transposição interlingual ou, finalmente, transposição inter-semiótica — de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura.

Se fosse preciso traduzir para o português a fórmula tradicional *Traduttore, traditore* por “O tradutor é um traidor”, privaríamos o epigrama rimado italiano de um pouco de seu valor paronomástico. Donde uma atitude cognitiva que nos obrigaria a mudar esse aforismo numa proposição mais explícita e a responder às perguntas: tradutor de que mensagens? traidor de que valores?

LINGÜÍSTICA E TEORIA DA COMUNICAÇÃO *

Norbert Wiener se recusa a admitir “qualquer oposição fundamental entre os problemas que nossos engenheiros encontram na medida da comunicação e os problemas de nossos filólogos”¹. É fato que as coincidências e convergências são notáveis entre as etapas mais recentes da análise lingüística e a abordagem da linguagem na teoria matemática da comunicação. Como cada uma dessas duas disciplinas se ocupa, embora por vias diferentes e assaz autônomas, do mesmo domínio da comunicação verbal, um estreito contato entre elas revelou-se útil a ambas e não há dúvida de que se tornará cada vez mais proveitoso.

O fluxo da linguagem falada, fisicamente contínuo, colocou em princípio a teoria da comunicação diante de uma situação “consideravelmente mais complicada” do que no caso de um conjunto finito de elementos discretos que a linguagem escrita apresentava². Entretanto, a análise lingüística conseguiu resolver o discurso oral numa série finita de unidades elementares de informação. Estas unidades discretas finais, os chamados “traços distintivos”, acham-se

(*) Trabalho apresentado ao “Symposium on Structure of Language and Its Mathematical Aspects”, Nova Iorque, 15 de abril de 1960, e publicado, com o título de “Linguistics and Communication Theory” em *Proceedings of Symposia in Applied Mathematics*, XII (1961).

(1) *Journal of the Acoustical Society of America*, vol. 22 (1950), p. 697.

(2) C.E. Shannon e Weaver, *The Mathematical Theory of Communication* (Urbana, The University of Illinois Press, 1949), pp. 74 e 112 ss.